

A concepção de ciência no jovem Descartes

Jordino Marques/VFG

jordino@zaz.com.br

Resumo

Neste artigo, procuro mostrar que na filosofia do primeiro Descartes há um desenvolvimento paulatino da noção de ciência, que se inicia com a preocupação de construção de uma ciência admirável e tem seu ponto central na procura de um modelo universal da mesma com tendências exotéricas. Tal desenvolvimento porém adquirirá contornos mais nítidos na *Discurso do Método*.

Palavras-chave: ciência, método, Descartes, Gilson.

Abstract

In this article I try to show that in the philosophy of the first Descartes there is a growing development of the notion of science that began with the preoccupation of constructing an admirable science, and has its center in the search of a universal model of it with exoteric tendencies. Such development, however, will acquire a more definite outline in the *Discourse of Method*.

Key-words: science, method, Descartes, Gilson.

Para investigarmos a concepção de ciência de Descartes, no período que antecede às *Regulae*, é necessário que nos voltemos para a segunda parte do *Discurso*, quando Descartes revela, a seu modo, coisas importantes: "Eu estava então na Alemanha, para onde fora atraído pela ocorrência das guerras que ainda não findaram e, quando retornava da coroação do imperador para o exército, o início do inverno me deteve num quartel." (A.T. VI, p. 11) Esse fato narrado no *Discurso* remonta a 1619. Descartes informa a seus leitores os pensamentos que se lhe ocorreram nessa situação e queremos fazer inicialmente o levantamento dos mesmos, tais como eles ocorrem no *Discurso*, para investigarmos o sentido geral da concepção de ciência de 1619 a 1628. Dentre

todos esses pensamentos, há um destaque cronológico para um pensamento com o qual Descartes se entretém e este se reporta ao fato de que "amiúde não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças e feitas pelas mãos de diversos mestres, como naquela em que um só trabalhou". (ibidem) Gilson insiste no fato de que esse é o mais importante pensamento que ocorre a Descartes. (DM, p. 157) O edifício da ciência é obra de um só e Descartes se sente em condições de construir esse edifício. Gilson pensa que essa passagem do Discurso seja um eco do sonho de 10 para 11 de novembro de 1619, narrado nas *Olympica*, no qual Descartes falava que estava para descobrir os fundamentos de uma ciência admirável. Quando observamos essa literatura, vemos que Leibniz, que coletou a parte da obra que contém as *Olympica*, não transcreveu os três sonhos como fez Baillet. Deixando de lado os dois primeiros, dos quais foram feitas análises diversas que não nos interessam aqui, podemos olhar alguns conteúdos do terceiro sonho como indicativos de algo que vai se dirigir para a ciência. O terceiro sonho fala de um dicionário, de um livro de poesias (*Corpus poetarum*), no qual se encontra escrito 'que caminho seguirei na vida?' e um homem desconhecido que apresenta a Descartes uma poesia chamada *Sim e Não*. O biógrafo de Descartes, Baillet, dá sua interpretação desse sonho de três etapas. O dicionário, em outra versão do sonho, a enciclopédia, está ligado ao encadeamento das ciências das quais Descartes percebe o princípio unificador (A. T. I., p. 82-84). Ao se perguntar sobre a conveniência ou não desse desejo de posse global do saber por parte de Descartes, Rodis-Lewis mostra que essa temática já era explorada por Pontus de Tyard e por Ronsard que falavam, respectivamente, de uma enciclopédia esférica da ciência e da filosofia que se encerrava em uma esfera na qual a ciência caía em nossas mãos como um brinquedo. (G. Lewis, *Descartes. Biographie*, p. 67). Quanto ao *Corpus poetarum*, que era um livro familiar a Descartes desde La Flèche, há indicações de um procedimento usual em que se fazia simplesmente uma abertura casual do livro,

para se encontrar nele um conselho ou uma máxima de orientação de vida. O passo aberto casualmente era o início do XV *idílio* de Ausônio, no qual, após a pergunta sobre o caminho, segue-se uma exposição pessimista sobre caminhos trilhados. O passo de Ausônio discorre expressamente sobre a incerteza de se procurar um estado de vida e conclui, com um certo pessimismo, que, de acordo com um pensamento dos antigos gregos, seria uma felicidade para o homem não nascer absolutamente, ou morrer antes de nascer (Gouhier, *La pensée philosophique...* p.160). Eco dessa passagem é, para Rodis Lewis, a passagem do discurso que diz "tomei um dia a resolução de empregar todas as forças do meu espírito para escolher os caminhos que devia seguir." (Rodis-Lewis, *op.cit.*, p.68 e *Discurso do Método*, A.T. vol. VI, p. 10) Um homem aparecia ainda com o *idílio* XVII de Ausônio, no qual se lia 'Sim e Não', para evocar, segundo Baillet, a ambigüidade da vida. Todo esse jogo evoca o propósito expresso no final da moral provisória do *Discurso*, cuja formulação, segundo o próprio Descartes, data dessa época, na qual ele diz querer empregar toda sua vida a cultivar sua razão e progredir sempre mais no caminho da verdade (A. T., VI, p. 27). Podemos ainda ver que isso marcará Descartes, de tal modo, que trinta anos depois, em 9 de outubro de 1649, ao relatar à princesa Elisabeth suas primeiras impressões na corte de Estocolmo, ele faz menção à solidão de que ainda usufrui, "sem a qual é difícil que eu possa avançar na pesquisa na verdade e é nisso que consiste o principal bem dessa vida (*Correspondance*, A.T. V, p. 430)". Se nos perguntarmos pelos fundamentos dessa concepção, veremos que há um pressuposto, quase que um arquétipo de fundo expresso nas metáforas do caminho e do livro. A primeira delas chama mais a atenção porque ela se insere tanto na dimensão religiosa, como na filosófica. As religiões se arvoram como caminhos de salvação e felicidade, o poema de Parmênides se anuncia como a declaração de dois caminhos bem distintos dos quais um só é caminho do ser a ser percorrido. Tudo isso aponta para a posição especial que

Descartes assumirá na história da filosofia, de modo especial pela insistência na criação de um método que, etimologicamente, outra coisa não é do que caminho para atingir um fim. Quanto ao sim e o não escritos no livro, a interpretação do primeiro biógrafo de Descartes relatava que se tratava de uma afirmação pitagórica na qual se insere a verdade e a falsidade no conhecimentos humanos e nas ciências profanas. Gouhier reproduz a citação de Ausônio que diz que essas duas palavras sim e não são empregadas por todos e a vida do homem é determinada por esses dois monossílabos (H. Gouhier, op.cit., p.160).

Gouhier relata em outra obra que, por ocasião do inverno de 1619, Descartes já começa a amadurecer os fundamentos de sua nova concepção de ciência Gouhier (*La pensée religieuse de Descartes*, p. 44) que se pode ler nas *Cogitationes Privatae* através da crítica à cultura livresca pois os livros ou trazem coisas que são por demais conhecidas ou as coisas são escritas para preencher papel (A. T.,X, p. 214).

Sendo assim, e investigando todo o clima do sonho e da sua interpretação, Gouhier estabelece o sentido dos sonhos de Descartes. Em primeiro lugar, a unidade das ciências. Todas as ciências são uma. Os conteúdos das ciências que aparecem no dicionário do sonho só têm sua existência na e pela ciência. Em segundo lugar, a ciência una é obra de um só, pois somente as ciências particulares necessitam de colaboradores. Em terceiro lugar será mestre da ciência, quem seguir os poetas pois temos em nós os germes da ciência e não serão os procedimentos lógicos dos pretensos sábios que despertarão em nós essa ciência. Em quarto lugar, esses preceitos divinos são endereçados a Descartes, porque ele é capaz de compreendê-los e é chamado a dar à humanidade esta ciência admirável (Gouhier, op. cit. 45). Esse sonho perde então o caráter de uma ambição para se tornar uma missão que Maritain citado por Gouhier chama de pentecostes da razão. (id., ibid.)

A interpretação de Gilson aponta para uma tríplice realidade relacionada ao sonho que o Discurso deixa perceber. Que o corpo da ciência é uno, que se pode reconciliar a filosofia com a sabedoria e que Descartes se sente investido por Deus para constituir o corpo das ciências e, por conseguinte, fundar a verdadeira sabedoria. Essa unidade é de certo modo antecipada na carta a Beckmann de 25 de abril de 1619, na qual Descartes diz que está procurando colocar em ordem as mecânicas ou a geometria (X, 162).

Mas a passagem na qual se pode perceber de modo mais claro toda essa intenção de Descartes é a Regra 1 na qual Descartes diz do erro muito comum que consiste em atribuir falsamente as propriedades na comparação de uma coisa com outra. Resultado dessa falsa atribuição era a divisão aristotélica das ciências entre ciências do espírito e das artes que impedia que alguém pudesse aprender simultaneamente todas as artes porque se dividiam as ciências a partir de seus objetos e, por isso, era necessário, segundo Descartes, incorrer no erro de estudar as ciências separadamente (A. T. X, p.360). O que deve ser estabelecido é que as ciências não são outra coisa que a sabedoria humana que permanece sempre a mesma independentemente do objeto a que se aplica. As ciências têm entre si um encadeamento tão estreito, que é mais fácil aprendê-las todas em conjunto do que separar uma só de todas as outras. "Aquele pois que quer pesquisar seriamente a verdade das coisas não deve escolher uma ciência particular, pois elas são todas unidas entre si por um liame de dependência recíproca (id. p 361)." Seguindo a indicação do comentário de Gilson, podemos observar que Descartes não publicará jamais esta idéia fundamental na forma pura que ela tinha de início, a não ser na Carta-prefácio dos *Princípios* que nada mais é do que um libelo contra o modo escolástico de fazer filosofia. Ora, quando se conhecem as razões que levaram Descartes a escrever os *Princípios* bem como a referida Carta-

prefácio, podemos dizer que Descartes continua mantendo essa concepção ao longo de toda sua obra.

Na segunda parte do Discurso, depois de apresentar as etapas do método, podemos ver como Descartes em 1637, dezoito anos depois, tira as conclusões necessárias de seu método e de sua intuição. Ele toma o modelo dos geômetras que usam longas cadeias de razões simples e fáceis para chegar às demonstrações mais difíceis (A. T., VI, p. 19). Temos pois o modelo da indução já estabelecido que levará Descartes a imaginar que todas as coisas que podem cair sob o entendimento dos homens se seguem da mesma maneira. Gilson chama a atenção para algo decisivo nesse passo do Discurso, isto é, que tudo que é objeto de conhecimento verdadeiro é, por definição, susceptível de conhecimento matemático e ele conclui que a "a idéia da unidade do corpo da ciência é inseparável, cronológica e logicamente, da extensão do método matemático à totalidade do domínio do conhecimento (E. Gilson, Descartes, op. cit., p 214)".

De 1620 a 1628, a vida de Descartes é muito pouco conhecida. Para, no entanto, compreendermos o que significa nessa época, a ciência para ele, temos que investigar alguns desenvolvimentos que o levaram a uma posição tal original em ciência.

Na coletânea dos textos de Descartes que foram juntados por Leibiniz temos um título geral *Parnassus* dividido em três partes que são *Preambula*, *Experimenta* e *Olympica*. Uma análise, mesmo que superficial, desses apontamentos esparsos pode nos ajudar a determinar a concepção de ciência do jovem Descartes. Os *Preambula* que em suas poucas páginas tratam de questões preliminares de geometria e álgebra se iniciam por uma citação bíblica que diz O temor de Deus é o início da sabedoria (Sl 110,10; Prov 9, 7 e Eclo 1,14). Gouhier mostra que o dito bíblico pode se aplicar aos preâmbulos de alguma questão de geometria ou de álgebra. Mas a partir do fato de que *sapientia* e *scientia* estão juntas no plano de Descartes não se deve admirar que esses preâmbulos

contenham os princípios gerais da ciência admirável. A primeira referência de Descartes é a da máscara. Ele diz que "do mesmo modo que os comediantes se vestem de máscara, para que não apareça o rubor em suas fontes, no momento em que vou me mostrar no palco do mundo, caminho mascarado (A: T. X, p. 213)". Nisso podemos ver que a atitude de prevenção tão importante na constituição do método tem seu fundamento no *larvatus prodeo*. A análise de fragmentos esparsos da obra desse período revela que Descartes está preocupado em fixar regras para um método. Descartes ainda expressa que, quando era ainda jovem, diante das descobertas engenhosas (*ingeniosis inventis*) dos outros, ele procurava ver se as podia fazer por si mesmo, "sem ajuda de um guia e assim eu observava pouco a pouco que eu procedia seguindo regras fixas (op. cit., p. 214)". É importante que Descartes nessa época tenha uma idéia de ciência que ele vai desenvolver mais tarde. Ele diz ainda na mesma passagem que a ciência "é como uma mulher, se pudica, ela permanece ao lado de seu marido e o honra e se se oferecer a todos, ela se avilta (id., ibid.)". Descartes reivindica pois uma consideração especial da parte daquele que faz ciência. No mesmo texto, Descartes ainda volta ao tema da máscara para dizer que na sua época todas as ciências são mascaradas "levantadas as máscaras, elas aparecerão com toda sua beleza e para aquele que vê claramente será mais fácil retê-las em seu espírito do que reter a série dos números" (id., ibid). Atentemo-nos ao fato de ver claramente a que Descartes aqui se reporta para mostrar a simplicidade de seu método. Por que retemos em nosso espírito a série dos números? Simplesmente porque, observada uma técnica, podemos chegar a uma numeração infinita. O impedimento para dominarmos essa técnica é tão somente o fato de que as ciências estão mascaradas. Máscaras ou ídolos baconianos, tudo isso são empecilhos para o nascimento da nova ciência. Nas *Cogitainines Privatae*, Descartes, depois de ler a obra de Lambert Schenkel *De arte memoriae* diz que seria fácil de abarcar pela imaginação todas as coisas que desco-

briu, isso se faz pela redução de todas as causas a uma só, Se assim se proceder, é claro que não há necessidade de memória para se ter todas as ciências (A. T., X, p.230).

O diário de Beckmann assinalava a 8 de outubro de 1628, por ocasião de uma sua visita a Descartes, que em aritmética e geometria ele não tinha mais nada a desejar, pois fizera tanto progresso nos últimos nove anos, quanto o espírito humano era capaz e Descartes enviará a Beckmann a Álgebra que ele está terminando, pela qual ele chega a um conhecimento perfeito da geometria (A. T., I, p. 163). O que podemos dizer do progresso feito por Descartes a essa época, é que ele se manteve fiel à promessa feita a Beckmann, no inverno de 1619-1620, de construir uma álgebra que fosse instrumento para sua físico-matemática.

O tema que mais preocupa Descartes, por essa época, é o do maravilhamento diante da natureza: " Há uma parte nas matemáticas que eu chamo de ciência dos milagres porque ela ensina a servir de tal modo do ar e da luz, que se pode fazer ver por seu uso todas as ilusões de que se diz que os mágicos fazem aparecer pela ajuda dos demônios . Que eu saiba, esta ciência jamais foi praticada" (A. T., I, p.21). Os padres de La Flèche mantinham os alunos em guarda contra os charlatães e magos. Um dos professores de matemática de Descartes, Pe. Francois, era um especialista nessas questões e um de seus livros se chamava *Tratado das influências celestes em que as maravilhas de Deus nos céus são deduzidas, as invenções dos astrônomos para compreendê-los são explicadas, as proposições dos astrólogos judiciários são demonstradas como falsas e perniciosas através de toda espécie de razões de autoridades e de experiências* (Gilson, op. cit., p. 120). Um eco disso é a afirmação do Discurso em que Descartes relata que, " mesmo não estando contente com as ciências que nos eram ensinadas, percorri todos os livros que tratavam daquelas que se julgam ser mais curiosas e as mais raras que podiam cair em minhas mãos (A. T., VI, p. 5). Podemos dizer pois que Descartes foi informado da existência de tais ciências. Ele chega mesmo a dizer que é

preciso conhecê-las todas para evitar ser enganado (VI,9). Há indícios, segundo Gouhier de que Descartes tenha conhecido a obra de Agripa de Porta (PP, 111) principalmente no comentário que o primeiro faz da obra de Lúlio *De occulta philosophia*, da qual ele toma como exemplo de autômato a pomba de Arquitas de Tarento , supondo que ela tinha entre as asas um moinho acionado pelo vento, de modo a poder voar sem seguir a linha reta. Há por essa época um movimento dos físico-matemáticos que rejeitam a física já anacrônica das escolas, mas na medida em que são inovadores, são obrigados a se prevenir contra toda confusão com os inovadores que não são físico-matemáticos (H . Gouhier, *Les premières pensées...* p. 112) Gouhier mostra que entre aqueles destacam-se, sobretudo, os alquimistas, os astrólogos e os mágicos que não só comentam a Física de Aristóteles, como também se apresentam como artesãos da verdadeira ciência (id., *ibid.*). Notemos que alquimia e astrologia, pretendem, à época, o estatuto de ciências positivas que tentam desacreditar a demonologia e a bruxaria, já que a magia se pretende agora natural, ou seja, faz recursos somente a causas naturais. O citado Pe. François no *Tratado das influências ocultas* distingue a magia branca pela maravilha de seus efeitos e pela inocência de suas práticas, da negra, na qual os demônios intervêm (id, p. 113). O que querem os fautores da magia natural? Gouhier diz que de modo especial, Beckmann e Descartes não recusam, nos termos tardios de Augusto Comte um saber que faz intervir na natureza agentes sobrenaturais, mas sim um saber que introduz entidades metafísicas. (id., *ibid.*)

A magia natural explora uma natureza impregnada de simpatias e antipatias na qual o esquema causal é imaginado a partir do modelo da imantação, muito mais sentida do que concebida.

Cornélio Agripa dizia que a magia natural era aquela que considera as virtudes e as propriedades de todas coisas na natureza e no céu, e através de pesquisa curiosa descobre os

acordos e conveniências e coloca em evidência as potências e faculdades que estão escondidas nestas, ajuntando as coisas baixas aos dons e favores celestes como por atração e sedução, de modo que pela junção de uns com os outros sejam produzidos efeitos admiráveis e miraculosos (id., p. 114).

Se procurarmos agora um modo de concluir nossas reflexões, veremos que o que Descartes postula, na visão de Rodis-Lewis é que as ciências, em sua diversidade, possam ser percebidas por uma só pessoa, formando um processo contínuo (op. cit., p.54). E o que faz a diferença entre Descartes e seus contemporâneos é que estes colocam os problemas particulares sem uma ligação entre si. Descartes condena as questões e as soluções propostas graças a um sistema que não lhe assegura o fundamento. Beckmann revelara a Descartes que a física pode e deve ser tratada por fórmulas matemáticas .

Não se pode perder de vista que o plano de Descartes, revelado a Beckmann em uma correspondência de 26 de março de 1619, diz que deseja dar ao público não uma obra como a *Ars brevis* de Lúlio. Ele não pretendia se voltar para todas as questões, mas sim para uma ciência totalmente nova que permite resolver, em geral, todas as questões que se podem propor, não importa de que gênero ou de que quantidade, tanto contínua como descontínua cada uma segundo a sua natureza (A. T. X, p.157). Depois de expor as linhas gerais do projeto, Descartes se admira de seu próprio Projeto quando diz "A obra é de fato infinita que não pode ser feita por um só. Que projeto incrível e ambicioso! Mas no obscuro caos desta ciência percebo uma espécie de luz com ajuda da qual penso poder dissipar as trevas mais espessas (id., p. 158)". Desse modo, podemos ver que intenções gerais guiavam Descartes ainda jovem. O desenvolvimento posterior da obra mostrará como tais intuições permanecem ao longo da filosofia cartesiana.

Referências bibliográficas

- DESCARTES, René, Correspondance, in *Oeuvres de Descartes*, vol. I, ed. por Charles Adam e Paul Tannery, Paris: Vrin, 1962
- Correspondance, in *Oeuvres de Descartes*, vol. V, ed. por Charles Adam e Paul Tannery, Paris: Vrin, 1962
- Discours de la Méthode, in *Oeuvres de Descartes*, vol. VI, ed. por Charles Adam e Paul Tannery. Paris: Vrin, 1965. Physico-Mathematica, in *Oeuvres de Descartes*, vol X, ed. por Charles Adam e Paul Tannery. Paris: Vrin, 1966.
- GILSON, Étienne, *Descartes, Discours de la Méthode*, Texte et Commentaires. Paris: Vrin: 1962.
- GOUHIER, Henri. *La pensée religieuse de Descartes*. Paris: Vrin, 1962.
- Les premières pensées de Descartes*. Contribution à l'histoire de l'anti-renaissance. Paris: Vrin, 1958
- RODIS-LEWIS, Geniviève, *Descartes*. Biographie, Paris: Calmann-Lévy, 1995.